

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA – IFILO

SHAYANE VITORIA SILVA

AS MULHERES NA FILOSOFIA

UBERLÂNDIA - MG
JULHO - 2022

SHAYANE VITORIA SILVA

AS MULHERES NA FILOSOFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia. Sob orientação do Prof. Dr. José Benedito de Almeida Jr.

UBERLÂNDIA - MG
JULHO - 2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos, todas e todes aqueles que estiveram ao meu lado durante essa jornada e dedico também este trabalho à mim mesma, que precisei estar mais que presente que todos e precisei estar preparada o tempo todo e que, além disso, precisei me dedicar mais do que imaginei que precisaria. Precisei também ter paciência e sabedoria, dedico então principalmente a mim!

AGRADECIMENTOS

Começo essa parte do texto, intitulada como agradecimentos, pensando em tudo que passei durante a graduação. Momentos que ficarão gravados em minha memória. Momentos que nem sempre foram felizes ou motivadores. Na verdade, um dos motivos de estar falando sobre esse tema, pesquisando, é justamente a motivação que estive procurando durante todo o tempo da minha graduação.

Primeiramente, devo agradecer à minha família que sempre me motivou a seguir, a estudar, a não desistir da graduação no meio do caminho, como às vezes pensei em fazer e eles nem ao menos tiveram ideia disso. Agradecer também aos meus colegas de classe que estiveram ao meu lado, que estavam sempre comigo e que compartilharam suas dificuldades durante todo o tempo de estudo, compartilhando angústias, medos relacionados a nossa jornada na faculdade e várias outras questões.

Devo também agradecer às minhas amigas, Miriam e Larissa que desde o início da minha jornada estiveram por perto e que durante esses longos anos, apesar de estarmos todas focadas em nossas próprias questões, compartilhamos momentos, nos ajudamos e estivemos juntas.

E é claro, não posso de forma alguma deixar de agradecer ao Professor José Benedito que me orientou nessa jornada final, esteve presente em todo o processo da pesquisa e também em boa parte da minha graduação.

RESUMO

O principal objetivo dessa pesquisa é apontar como o mundo intelectual, de forma direta, ou indireta, exclui as mulheres filósofas do âmbito filosófico. Peguei como exemplo, duas escritoras e filósofas do século XVIII, para entendermos um pouco sobre a questão, ou apenas problematizar. Quando pensamos em filosofia, nos vem à mente, figuras masculinas e é importante lembrar que não há nenhum problema em lembrarmos da grandiosidade desses pesquisadores, afinal, foram e são importantes para a história da filosofia. Entretanto, por que não pensamos em filósofas?

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Filósofas. Feminismo. Gênero.

ABSTRACT

The main objective of this research is to point out how the intellectual world, directly or indirectly, excludes women philosophers from the philosophical sphere. I took as an example, two writers and philosophers from the 18th century, to understand a little about the issue, or just to problematize. When we think of philosophy, male figures come to mind and it is important to remember that there is no problem in remembering the greatness of these researchers, after all, they were and are important to the history of philosophy. However, why don't we think of woman philosophers?

KEY WORDS: Philosophy. philosophers. Feminism. Genre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPITULO I	9
LI SOBRE A ANPOF	13
CAPITULO II	15
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Ao longo da graduação de filosofia, percebi que a universidade não valoriza as mulheres no âmbito filosófico. Desse modo, entendi que seria necessário buscar pesquisas que tivessem essa abordagem: “a não valorização das mulheres na filosofia”. Uma vez que, não tive a oportunidade de estudar filósofas ao longo da trajetória acadêmica, sem que fosse por conta própria.

Na verdade, a vontade de buscar pesquisas sobre o tema só surgiu em um momento específico, em um evento sobre gênero, que foi apresentado na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) onde abordaram sobre a falta de representatividade. Daí surgiu a vontade de escrever sobre e expor as minhas considerações e realizar pesquisas sobre o tema, que inclusive, é recente.

Tendo em vista que a filosofia é uma disciplina que está o tempo buscando por respostas e ou criticando/refutando. Pensar que o tema sobre a não valorização da mulher é recente, parece contraditório.

Quando decidi fazer a análise e pesquisa sobre o tema, pensei na minha própria ignorância, como não pensei em pesquisar antes mesmo de dar início a trajetória acadêmica, como só percebi depois de já estar inserida no meio acadêmico, sendo que a questão da não valorização da mulher pode ser também discutida na escola, ou até mesmo no cotidiano, não especificamente sobre filosofia, mas, qualquer assunto que seja, onde percebe-se que as mulheres são vistas como segunda opção ou nem são vistas como opção.

O livro pensado para a primeira etapa da pesquisa foi “*Emillie Emillie a ambição feminina no século XVIII*”, a autora Elisabeth Badinter escreve sobre duas mulheres do século XVIII que apesar de serem extremamente inteligentes, não foram reconhecidas como deveriam. Como o livro é intitulado a “ambição feminina”, a filósofa explica como a ambição para as mulheres, de alguma forma, deveria passar pela mediação dos homens, como se não pudessem ser ambiciosas ou conquistar algo sem que tivesse a “ajuda” dos mesmos.

Ao buscar materiais para realizar a pesquisa, encontrei o livro de Maria Luiza Ribeiro, “*As mulheres na Filosofia*”, a professora então tem como objetivo, mostrar que as mulheres sempre fizeram parte do âmbito filosófico, apenas não foram e não são valorizadas.

Coincidentemente, há alguns meses antes de encontrar o livro de Ferreira, encontrei o livro intitulado “*Filosofas: a presença das mulheres na filosofia*”, da autora Juliana Pacheco, que tem como objetivo também dar visibilidade a mulheres filósofas, livro com 19 capítulos, escritos por pessoas distintas, dedicado a 19 filósofas e o projeto de Juliana Pacheco teve a influência de Maria Luiza Ribeiro Ferreira.

Além dos livros citados, durante a pesquisa, tive a oportunidade de conhecer a Associação nacional de pós-graduação em Filosofia, ANPOF, que promove investigações, eventos em que os textos apresentados, posteriormente, são postados,

“Parte significativa dos trabalhos apresentados vem sendo publicada nas Coleções Anpof, coletâneas de livros que vêm sendo publicadas no ano subsequente a cada encontro desde 2015. Além disto, desde 2016 vem sendo publicada a Coluna Anpof, como um espaço de divulgação e de reflexão da área principalmente sobre temas da atualidade.” ANPOF – História da ANPOF

Além da dificuldade de encontrar materiais que fossem inspirados na construção da pesquisa, o momento criativo muitas vezes foi interrompido por fatores externos, um desses fatores foi a COVID-19, que afetou todos os âmbitos. Durante a volta às aulas, com a implementação do ensino remoto, se fez necessário muita disciplina e muitas vezes sem sucesso, além também da busca por emprego fora da minha área de estudo, fez com que me distanciasse ainda mais da Filosofia e dos projetos e pesquisas.

Contudo, a vontade de finalizar o trabalho e entregar mais uma pesquisa que possa contribuir para mais discussões sobre o tema, fez com que retomasse a pesquisar e me dedicar ao trabalho. Segue algumas considerações a respeito da recente, mas, de extrema importância, discussão sobre a visibilidade de mulheres filósofas.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Sobre a ambição da mulher, uma perspectiva da filósofa Elisabeth Badinter

“A maior ambição da mulher é despertar o amor.”

Molière

A maior ambição da mulher é mesmo o amor? Em uma sociedade em que as privam de tanto, a mulher quer mesmo somente o despertar de um amor?

O primeiro capítulo deste trabalho tem como objetivo introduzir a questão enfrentada por Madame du Chatelet e Madame d'Épinay no mundo intelectual e de suas dificuldades, que tiveram trajetórias parecidas em um âmbito que antigamente era dedicado apenas aos homens. O objetivo dessa pesquisa é problematizar e analisar as questões em relação à mulher na filosofia e em como não tiveram e não têm suas obras reconhecidas. Antes de dar início ao capítulo é importante ressaltar que, Madame du Chatelet e Madame d'Épinay, apesar de terem tido toda a dificuldade de estarem presentes no espaço intelectual, deferido a homens, ainda sim, foram mulheres privilegiadas.

No início de sua obra, Elisabeth Badinter tem como principal objetivo salientar o que era pensado sobre a ambição. A ambição, assim como as paixões, era tida como negativa, pois em determinadas épocas, filósofos, religiosos, expunham sobre o perigo das mesmas.

O foco de Badinter é voltado a duas mulheres do século XVIII; Madame d'Épinay e Madame du Châtelet. Em sua obra, a filósofa evidencia as diferenças e semelhanças entre as duas. Ambas tiveram apoio dos pais. A relação que tiveram com suas mães foi de mais severidade e a relação com seus pais, de mais proximidade e afeto. Ao falar sobre a relação paternal e maternal, Badinter, revela que as duas foram incentivadas pelo afeto e severidade dessas relações. É certo que, as ambições dessas duas escritoras estavam ligadas, de certa forma, à relação que tinham com seus pais.

Naquela época, a única coisa designada a uma grande maioria das francesas era a submissão e o trabalho. Mas aquelas que tinham condições conseguiam fugir desses padrões impostos. Badinter deixa claro que, Madame d'Épinay e Madame du Châtelet, possuíam independência e vontade para realizar as suas ambições devido ao status social de privilégio, uma vez que ambas vieram de casas nobres. Sendo assim, conseguiram por meio de estímulos, mesmo que não voluntários, alcançar suas respectivas vontades. É importante ressaltar que a diferença entre as duas também está relacionado a riquezas, Madame du Châtelet possuía mais condições que Madame d'Épinay. Badinter diz que apesar de serem contemporâneas, foram educadas de forma distintas devido a essa diferença social que havia entre as duas. Portanto, há também uma diferença em relação à educação que ambas tiveram.

As duas escritoras foram criticadas por outras mulheres de sua época, e daí, Badinter destaca que, uma das semelhanças entre as duas, era o desprezo em relação ao que os outros pensavam sobre elas. E que por essa razão, suas ambições e determinações eram cada vez mais instigadas.

Badinter, em uma passagem do livro, dá uma explicação do que o ambicioso necessita. Para ela, a ambição não deve ser definida apenas pelo objeto. “ela é também, e talvez em primeiro lugar, uma meditação do sujeito sobre ele mesmo.” (BADINTER, 2003, p.147). Portanto, a pessoa ambiciosa está preocupada não só com as coisas ao seu redor, mas primeiramente, sobre ela mesma, e daí pode surgir o narcisismo.

Para a filósofa, o ambicioso se ama “admirar” e ama que os outros o vejam como o melhor. Badinter ressaltava também que, a ambição feminina teria de passar pela “mediação” dos homens. Aqui a referência à mediação diz respeito ao fato de que naquela época (XVIII) as mulheres não tinham “acessibilidade” a determinadas coisas.

Os homens não lhes deram o poder, mas a cultura. Sem seus laços de amizade e talvez mesmo sem suas relações amorosas, jamais teriam sido aquilo que foram, pois nada, no destino feminino, permitia chegar às esferas reservadas havia tanto tempo ao círculo masculino. (BADINTER, 2003, p.162)

O não protagonismo da mulher, de certa maneira, se deu também pela falta de acessibilidade a espaços intelectuais, que antes era destinado apenas a homens nobres. Madame du Châtelet e Madame D'Épinay por serem mulheres privilegiadas, no sentido de terem tido acesso a esses espaços intelectuais, conseguiram ganhar um espaço em lugares majoritariamente destinados a homens.

Mesmo ambas sendo contemporâneas, Madame d'Épinay e Madame du Châtelet não pertenciam à mesma geração. Seus interesses eram diferentes. Enquanto Madame du Châtelet se interessava por disciplinas especulativas, madame d'Épinay se interessava pelos problemas da sociedade. Ambas tiveram suas influências em campos diferentes do conhecimento. Madame du Châtelet interessada em metafísica e na física newtoniana e Madame d'Épinay pela pedagogia, e teve como uma de suas referências, o filósofo Jean-Jacques Rousseau e o escritor Friedrich Melchior von Grimm.

As relações afetivas que essas mulheres tiveram foram consideravelmente um peso em relação às suas ambições, de forma positiva e negativa, positiva se for pensado em como essas relações às ajudaram a “desviar-se” das “estatísticas” de mulheres que não possuíam influência alguma no mundo intelectual daquela época, e pensado de forma negativa, se a relação de proximidade com esses homens influentes fosse algo mais importante do que a inteligência dessas duas mulheres. Badinter problematiza essa questão, colocando em perspectiva a inversão dos papéis, Madame du Châtelet que tivera uma relação de proximidade com Voltaire e o ajudou na construção de alguns dos seus trabalhos, não é reconhecida por esse fato, mas Voltaire é sempre citado quando o assunto é a Madame du Châtelet. A questão que Badinter expõe é se:

Se fosse preciso expor a ambição masculina no século XVIII e particularmente a de Grimm e Voltaire, deveríamos evocar suas relações afetivas e delas fazer condição necessária à sua ambição? (BADINTER, 2003, p.215).

A resposta é negativa, devido ao fato de que os homens já possuíam seus lugares de poder e eram reconhecidos pelo seu intelecto e não por suas relações afetivas. Apesar de terem tido uma relação muito próxima a esses homens, e que de alguma forma teriam ajudado na trajetória de suas respectivas carreiras, as duas mulheres conseguiram aproveitar isso de uma forma positiva.

É sabido que os homens são sempre reconhecidos pelos seus trabalhos e sempre têm os seus nomes à frente de suas obras, assim como já foi citado nesse texto. Madame du Châtelet e Madame d'Épinay foram tão importantes para Voltaire e Grimm quanto eles foram para elas. É certa a influência que Voltaire teve na carreira de du Châtelet, mas a influência dela na carreira de Voltaire não é tão reconhecida, contudo há registros que evidenciam a presente participação de Madame du Châtelet nas obras de física e metafísica de Voltaire, e o mesmo fala sobre a importância dela.

Madame d'Épinay fez a sua pedagogia voltada a “combater” a submissão e dependência que as mulheres de sua época eram impostas. Em contrapartida a Rousseau, d'Épinay demonstra em sua obra que há uma igualdade entre os sexos opostos. Madame d'Épinay foi de extrema importância para as mulheres de sua época.

O programa de estudos que Louise reserva para a neta, até crescer é de uma rara ambição para a época. Abre amplamente às mulheres os domínios da literatura francesa e ciências sociais. (BADINTER, 2003, p.377).

A crítica de d'Épinay a Rousseau é sobre um princípio de dependência a qual ela não concordava, e com sua obra, conseguiu transmitir o que pensava em relação à mulher ser dependente de uma figura masculina.

E a grandeza incomparável de Madame d'Épinay é ter compreendido dois séculos antes que muitos outros que as mulheres deveriam batalhar, elas mesmas, pela sua felicidade, em vez de ficar esperando unicamente pelos homens. (BADINTER, 2003, p.378).

Mesmo depois de terem tido suas obras publicadas, as duas escritoras não tiveram o total reconhecimento que desejavam. É certo que as ambições dessas duas figuras do século XVIII, mesmo que não tenham tido suas obras como principal foco, conseguiram de certo modo transmitir os problemas a cerca de uma sociedade que impõe às mulheres uma submissão e dependência de uma figura masculina. E Madame du Châtelet e Madame d'Épinay foram umas das mulheres de tempos difíceis capazes de se inserirem no mundo que era destinado apenas aos homens.

Em conclusão, a questão abordada sobre a não valorização do trabalho de mulheres durante anos diz muito sobre a dificuldade de serem reconhecidas, mesmo possuindo papéis importantes no mundo intelectual. As mulheres ainda não são valorizadas como os homens. Isso ocorre em todo lugar, a mulher parece precisar se destacar para ganhar o mínimo de respeito possível.

Sendo assim é importantíssima a valorização dos estudos e pesquisas feitas por mulheres, sobre obras também feitas por mulheres. E assim como no caso das escritoras francesas, há outras mulheres que não tiveram a chance de serem reconhecidas pelos seus trabalhos. A representatividade das mulheres no âmbito acadêmico e também fora dele é de extrema importância para a nossa época, que mesmo tendo feito grandes progressos ainda tem muito a melhorar, como por exemplo: incluindo mulheres negras, mulheres trans, mulheres indígenas.

Por isso é importante ressaltar que, Madame du Chatelet e Madame d'Épinay, apesar de terem tido toda a dificuldade de estarem presentes nesse espaço intelectual, deferido a homens, ainda sim, foram mulheres privilegiadas, pois, poderiam lutar por esse espaço, estamos falando de mulheres brancas, europeias e ricas, não só lutar por esse espaço, como se preocupar apenas com essas questões. Toda a problemática envolvida nessa questão do não reconhecimento da mulher filósofa no âmbito filosófico, deve ir de encontro também com questões sociais e raciais.

Ao fazer as pesquisas sobre a não visibilidade de mulheres filósofas e depois de ter falado sobre a dificuldade da inserção das mulheres no meio intelectual, como citado,

Madame du Chatelet e Madame d'Épny eram privilegiadas, ou seja, não abrange de fato a realidade de todas as mulheres e suas dificuldades, suas lutas. Reconhecer que há algo além de tudo isso é importante para entender que o machismo/misoginia não é o único problema de nossa sociedade. Reconhecer as problemáticas que transcorrem nas outras interseccionalidades é importante para construir uma sociedade mais igualitária.

Podemos citar para deixar essa questão ainda mais visível, a autora, artista, ativista, antirracista, bell hooks, autora estadunidense conhecida por suas obras a respeito do feminismo negro. Mariléa de Almeida, doutora em história pela UNICAMP, escreve sobre bell hooks e publica no blog intitulado “blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia”, nesse texto, Mariléa de Almeida expõe vida e obra e os interesses de pesquisa de bell hooks. Segue citação:

“Entre os anos 1970 e 1980, assim como outras intelectuais e ativistas negras dos Estados Unidos e da América Latina, hooks presencia, dentro do movimento negro, dominado pelos homens, a negação do machismo, e no movimento feminista, dominado pelas mulheres brancas, a negação do racismo. Essa dupla negação também se expressava nas produções acadêmicas. A indignação sobre o silenciamento das experiências de mulheres negras foi central para que ela definisse seus interesses de pesquisa.” (ALMEIDA, Mariléa. Blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia)

Não podemos negar que mulheres brancas possuem privilégios e podem também ser opressoras. De todo modo, podem e devem reconhecer seus privilégios e contribuir para a mudança.

Não farei uma análise profunda sobre as vertentes do feminismo, mas, é preciso entender que, em todos os âmbitos é possível perceber que as mulheres brancas possuem o espaço de destaque.

Ao pesquisar sobre as problemáticas de nossa sociedade e tentando conectá-las à filosofia, podemos falar sobre a importância da organização acadêmica brasileira, ANPOF, que tem como objetivo, ampliar ainda mais as discussões sobre a filosofia e temas da atualidade.

SOBRE A ANPOF

Podemos então pensar na ANPOF, associação nacional de pós graduação em filosofia, criada em 1983, que tem com o objetivo ampliar as discussões sobre a filosofia no Brasil e a interação entre os cursos de pós-graduação, e, além disso, discussões sobre política, ética, entre outros. Nos eventos realizados são discutidos assuntos que na graduação, ou nos eventos dentro da universidade não são abordados. Como por exemplo as questões raciais e de gênero que são pouco discutidas na graduação.

O propósito dos eventos é a difusão de diversos temas contemporâneos e também temas antigos. A questão sobre a desigualdade de gênero na filosofia foi um dos tópicos discutidos em um dos encontros. Os textos apresentados expõem sobre a questão da não visibilidade das mulheres no âmbito filosófico e também da dificuldade que é falar sobre a

mulher na filosofia. Há também uma página na internet disponível para que esses textos sobre esses diversos temas sejam expostos. A coluna ANPOF é um dos lugares em que esses textos são divulgados.

Foi postado no início de 2019 um texto sobre “A história da filosofia e as obras escritas por mulheres: uma nota metodológica”.

[...] a pesquisa sobre as obras filosóficas clássicas escritas por mulheres, se impõe a reflexão sobre as condições materiais, sociais e políticas do processo que se inicia no fazer filosófico e se concretiza na entrada das obras para a história. A exigência dessa reflexão parte também da observação da fragilidade do tema no presente contexto de ensino e pesquisa de filosofia no Brasil, evidenciada pelas poucas investigações sobre o tema, no pouco número de traduções das obras para o Português, na ausência de literatura secundária e das poucas conferências sobre suas contribuições. (PUGLIESE, Nastassja. 2019.)

É possível perceber que no Brasil há uma ausência mais abrangente em relação aos estudos das obras feitas por mulheres, visto que não há traduções das obras para o português, o que acaba dificultando o acesso. Além disso, a ausência das mulheres no âmbito filosófico se dá também pelo fato de que as mulheres não tinham um espaço de reconhecimento, era indeferido a elas até mesmo os espaços intelectuais. Há também uma rede de mulheres filósofas da América Latina que foi criada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a rede tem como objetivo principal apoiar as mulheres que trabalham com filosofia na América Latina, proporcionar reconhecimento e visibilidade, visto que não há um espaço amplo para as mulheres que fazem pesquisas sobre filosofia. Assim como a ANPOF, a Rede também tem como principal objetivo difundir o conhecimento e dar visibilidade a pesquisas.

SEGUNDO CAPÍTULO

Uma filosofia no feminino – Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Antes de dar início ao desenvolvimento deste capítulo é importante deixar claro que o tema da mulher na filosofia não é recente, mas, também não é reconhecido. Nos dias atuais são feitos vários trabalhos por mulheres que cursam filosofia e que pretendem entender não só a filosofia em si e seus respectivos problemas, mas, também como as mulheres ao longo dos anos foram ignoradas historicamente no que diz respeito aos seus trabalhos e influências na filosofia de filósofos conhecidos e consagrados.

A professora Maria Luísa Ribeiro Ferreira, da faculdade de letras da universidade de Lisboa, leciona várias disciplinas de Filosofia e possui livros e artigos publicados nessa área. O foco deste trabalho está direcionado às questões das mulheres na filosofia e mais especificamente sobre o livro: “*As mulheres na filosofia*”.

Quando falamos sobre mulher e filosofia, de certo modo, é difícil não pensar sobre o feminismo, um movimento que tem como um dos seus principais objetivos fazer reflexões e atuações acerca da situação da mulher na sociedade. Portanto, pensar na mulher filósofa e sobre suas atuações no âmbito filosófico pode ser também reflexões do feminismo. Há até mesmo uma corrente filosófica chamada filosofia feminista.

[...] Uma filosofia feminista debruça-se essencialmente sobre o tema dos direitos da mulher, tendo como fim último denunciar abusos, identificar preconceitos e anular injustiças. É uma designação abrangente pois inclui uma multiplicidade de perspectivas. (FERREIRA, 2009, p.29).

Para a Professora Maria Luísa é difícil entender a filosofia feminista como uma disciplina filosófica. Mas a autora não descarta a contribuição da filosofia sobre as questões do feminismo, pelo contrário, considera que as questões levantadas tem como base fundamental, a filosofia. “A base que sustenta as teorias feministas é crítica, argumentativa e racionalmente fundamentada”. (FERREIRA, 2009, p.29). Portanto, as questões feministas não deixam de fazer parte das questões filosóficas, exatamente por possuir essa estrutura de reflexão sobre os problemas enfrentados pela mulher na sociedade ao longo dos anos.

Além da questão sobre a filosofia feminista, a autora também aborda outro assunto importante para a discussão: *uma filosofia no feminino*, que tem uma perspectiva diferente da filosofia feminista. A filosofia no feminino se difere, pois, não pretende fazer modificações sociais. Pode-se então entender que a filosofia no feminino tem um caráter mais revelador e de visibilidade, do que a vontade de fazer mudanças sociais. Esse caráter revelador tem como objetivo trazer à tona a mulher filósofa que por muito tempo ficou oculta. Ou seja, mostrar que as mulheres fizeram e fazem parte de um “mundo filosófico”, que é predominantemente dos homens. “Numa palavra, uma filosofia no feminino inclui todas as linhas que permitem revelar a presença da mulher na filosofia”. (FERREIRA, 2009, p.29).

Maria Luísa apresenta no livro as perspectivas de Mary Warnock e Genevieve Lloyd sobre o feminismo, filosofia e também sobre a filosofia no feminino. Mary Warnock, apesar de divulgar as mulheres filósofas, assim como a filosofia no feminino pretende fazer, se opõe a uma “filosofia de gênero” (“gendered philosophy”). Diferente de Mary Warnock, Genevieve Lloyd defende a filosofia feminina. Maria Luísa, ao fazer essa diferenciação entre as duas filósofas, tem por objetivo mostrar que, apesar de terem semelhanças no que concerne

o trabalho em mostrar e divulgar as mulheres na filosofia, Mary e Genevieve possuem também diferenças que interferem no modo de fazer filosofia.

[...] Mas quer nos sintamos mais perto de Warnock quer damos razão a Lloyd, é inegável que a perspectiva filosófica tem estado presente nos estudos sobre as mulheres pois muitos dos temas que preocupam os diferentes feminismos são de cariz filosófico. E a actualidade dos mesmos de modo algum anula o seu entrosamento com a história e com a tradição. (FERREIRA, 2009, p.30).

É importante então ressaltar que essas questões apesar de parecerem diferentes e de até mesmo promover discursos distintos, a filosofia e o feminismo, assim como foi dito no início deste capítulo, tem como semelhanças as reflexões sobre os problemas da nossa sociedade, podendo resgatar os problemas antigos e colocá-los nas discussões do tempo atual. Maria Luísa questiona em seu livro se há uma filosofia feminina, e novamente, aponta diferentes perspectivas sobre o assunto para elucidar e explicar essas questões ou apenas apontar que é um tema amplo e que nos propicia conhecer perspectivas distintas umas das outras.

Há filosofas que acreditam e defendem uma filosofia feminina. Janice Moulton, por exemplo, faz uma crítica ao “adversary method”, pois entende que esse confronto para “derrotar” os adversários pode não ser eficaz, porque não há como aplicar esse método em situações complexas. “Como alternativa propõe uma atenção aos pressupostos gerais e às teses abrangentes, nas quais esses exemplos se enquadram” (FERREIRA, 2009, p.31). Sendo assim, a perspectiva de Moulton reflete na questão de tentar fazer uma filosofia visando diferentes “experiências e vivências”. Além de Moulton, Maria Luísa também fala sobre Sara Ruddick que tem uma perspectiva parecida com a de Moulton. Ruddick ao fazer observações sobre os homens e as mulheres, chega a uma conclusão de que há diferenças na relação paternal e maternal. Ela usa o termo “mothering” para explicar o que ela conseguiu observar a partir de sua análise, esse termo que ela usa pode ser entendido como uma maneira de pensar, ou melhor, um pensamento maternal. Dito isso, quando se pensa na questão maternal, a razão e a paixão, para Ruddick, atuam de uma forma muito intensa, se diferenciando, assim, da questão paternal.

[...] É uma tese que ilustra sobremaneira a passagem de uma experiência vivida para a conceptualização e a teorização da mesma, tornando bem evidente que as atividades comuns e aparentemente triviais podem conduzir à reflexão filosófica. (FERREIRA, 2009, p.31).

Dito isso, podemos então perceber que a questão da experiência que Moulton e Ruddick abordam parece ser um dos pontos para entender o porquê de uma filosofia feminina, visto que, as experiências são diferentes, e, portanto, é preciso fazer reflexões voltadas a questões puramente específicas e direcionada às questões do feminino.

É claro que Moulton e Ruddick não são as únicas que se dedicaram a escrever sobre o assunto, que é muito amplo e talvez até polêmico. Além dessa discussão sobre se há uma filosofia feminina ou se é preciso pensar em uma filosofia feminina, e digo pensar, pois aparentemente essa filosofia feminina ou feminista parece ser atual, mas que não deixa de

resgatar “temas” abordados do tempo antigo. As questões do feminismo passam também por disciplinas da filosofia, como por exemplo, a ontologia, no que diz respeito ao conceito de natureza humana, a lógica, em relação à racionalidade e argumentação, ética, antropologia, epistemologia e também a ecologia e a filosofia da natureza que têm correntes feministas.

Maria Luísa aborda em seu livro a questão da mulher vista como o “outro”, o que isso significa? Se pegarmos o contexto histórico é possível perceber que durante muitos anos a figura da mulher não era presente em diversos âmbitos, principalmente num “espaço” intelectual. O termo homem é utilizado para designar a todas as pessoas, e assim como a autora cita, essa “homogeneidade” para se referir às pessoas, não é meramente inocente, isto é, há um problema. E como o foco deste trabalho é a filosofia, é possível perceber que durante anos, os filósofos usaram o termo “homem” para se referir a um “todo” sem nenhum problema, e isso perdura até os dias atuais.

Maria Luísa aponta em seu livro que a filosofia é um modelo masculino, ou seja, todas as questões da filosofia parecem ter sido pensadas apenas para os homens e sobre os homens. E daí surge a questão da mulher vista apenas como o “outro”. De todo modo, a autora enfatiza o fato de que “entender” a mulher como o outro não é, assim como ela expõe, “politicamente incorreto” (pág. 36). Mas também não é correto quando usado de forma pejorativa, isto é, para inferiorizar o “outro”, que nesse caso é a mulher.

Serão analisados em sua obra alguns filósofos que de certa maneira contribuíram para uma conotação pejorativa da mulher durante anos dessa tradição filosófica, e que, por conseguinte, contém muitos preconceitos. Ao fazer uma análise sobre essas questões, Maria Luísa encontra uma dificuldade para abordar o assunto, pois, o tema sobre a mulher ou o feminino, parecia ser mais um assunto secundário na filosofia dos grandes filósofos. A saber, no século XIX os temas sobre as mulheres e sobre o feminino começam a despertar certo interesse. Mas ainda hoje essa diferença entre os sexos é muito acentuada.

De todo modo, sobre a mulher e o feminino, a filosofia não teria contribuído da mesma forma que contribuiu com os outros assuntos, até mesmo assuntos considerados secundários, como por exemplo: o desejo. A autora vai enfatizar que quando se é falado em filósofos, remetemos às pessoas que “ajudaram” a sociedade a se afastar de certas superstições, e que, além disso, lutaram também contra preconceitos.

Platão e Aristóteles, por exemplo, são uns dos grandes filósofos que têm seu pensamento muito presente até nos dias atuais, a filosofia desses dois grandes filósofos ainda é muito discutida e pesquisada. A saber, Aristóteles e Platão possuem suas diferenças. Uma delas diz respeito ao que se entende por igualdade entre homens e mulheres. Enquanto Platão enfatiza uma igualdade, Aristóteles promove uma diferença. A Professora ressalta no início da discussão, que, algumas feministas possuem certa admiração por filósofos que falaram sobre a mulher, tenha sido de forma secundária ou não. Algumas feministas defendem Platão e outras, Aristóteles. Para falar sobre essa questão, Maria Luísa aborda vários filósofos que possuem textos em que falam sobre a mulher.

De início, a autora cita um trecho do *Teeteto*, texto de Platão. No trecho escolhido pela Professora, Platão está falando sobre as parteiras, sobre a arte de dar à luz. Nesse trecho é possível perceber uma abordagem sobre a mulher, mas, a professora faz uma crítica a esse trecho em específico, pois, apesar de Platão estar relacionando essa arte de dar à luz com as parteiras, lembrando que o “dar à luz” está relacionada às ideias. Maria Luísa, então, lembra

que Platão, ao falar sobre as parteiras, está se referindo de forma metafórica à Sócrates e não à uma mulher.

Pensando em como filósofos tiveram o tempo de definir quais seriam o papel das mulheres na sociedade, as discussões sobre a natureza feminina parecem interessantes, no que diz respeito em como muitas dessas definições são limitadas. Maria Luiza em seu texto fala sobre essa questão e sobre o perigo da mesma.

“Admitimos que seja uma tese perigosa pelas ambiguidades que encerra. A defesa de uma natureza feminina tem sido feita quer por feministas quer por anti-feministas. Nesse último caso, sob a bandeira de uma natureza feminina poderão acolher-se aquelas vozes que circunscrevem as mulheres a um determinado universo, atribuindo-lhe certos papéis negando-lhes outros.” (FERREIRA, 2009, Pag.44)

A questão pode também ser pensada em diversos aspectos, afinal o que seria uma natureza feminina? As definições por si só já não seriam limitadas? Independentemente de quem as fazem, de quem as definem, o conceito de natureza é tão abrangente e desse modo, parece estranho definir uma natureza feminina, definir em que e porquê? porque é necessária uma definição para algo que traz diferentes perspectivas e discussões.

Além dos textos mencionados, durante a pesquisa na internet, descobri o livro de Juliana Pacheco, autora do livro “Filósofas: A presença das mulheres na filosofia”, expõe na apresentação da obra o motivo de ter dado início a pesquisa sobre a mulher no âmbito filosófico, a não visibilidade das mulheres foi o ponto de partida para o início de sua pesquisa, a autora teve contato com as obras da Professora Maria Luísa Ribeiro Ferreira, que foi uma influência para a criação de seu projeto. “Foi a partir da minha experiência no curso de filosofia, de alguns estudos sobre o tema e tendo as obras de Ferreira como exemplo, que idealizei este livro.” (PACHECO.)

O livro é dividido em 19 capítulos, cada um deles dedicado a uma filósofa, desde filósofas da antiguidade até filósofas contemporâneas. Um desses capítulos é dedicado a Simone de Beauvoir, uma das figuras mais importantes da filosofia. Apesar de ser bastante conhecida, por muito tempo não foi reconhecida como filósofa, mas sim como escritora e até mesmo como companheira de Sartre.

Simone de Beauvoir, defendia a emancipação das mulheres, principalmente visando uma emancipação social, ou seja, pensar também que as mulheres podem estar inseridas nos espaços predominantemente ocupados por homens. Essa emancipação está principalmente ligada à educação das meninas e das mulheres, uma vez que, é até mesmo em casa que se aprende que mulher deve ser de uma forma, enquanto o homem deve ser de outra. Dito assim não parece ser problemático, mas sabemos que o que é permitido às mulheres não é o mesmo que é permitido aos homens, inclusive, muito do que as mulheres poderiam ser, estava ligado diretamente a uma figura masculina.

A emancipação das mulheres em Simone de Beauvoir significa que as mulheres podem ser pensadas sem os homens, podem ser elas mesmas, pensar com suas próprias ideias e serem protagonistas de suas vidas. Mas para tudo isso acontecer as meninas e as mulheres precisariam ser educadas de outra maneira e deveriam aprender a ser autônomas naquilo que diz respeito a escolher seu próprio destino. (PACHECO, 2016, p. 248)

Sobre a obra de Maria Luísa, a professora dedica um capítulo à filósofa Simone de Beauvoir. Neste capítulo a autora relembra o fato de ter tido a vontade de realizar a sua dissertação sobre a filósofa Simone de Beauvoir, entretanto, a proposta fora recusada, pois alegavam que Simone de Beauvoir não era filósofa. No início do capítulo dedicado à Simone, Maria Luísa enfatiza o fato de que os textos da filósofa têm muito de sua própria vida.

[...] As causas que pessoalmente lhe interessaram e pelas quais lutou foram aprofundadas e trabalhadas na sua escrita que exaustivamente nos dá conta da sua história pessoal, fazendo-nos conhecer as suas amizades e antipatias, os seus sucessos e fracassos, as suas aspirações, os seus amores, as suas revoltas. (FERREIRA, 2009, p183.)

Simone de Beauvoir compartilhou muito de sua vida com seus leitores, mostrando suas relações com familiares e amigos. Para Maria Luísa, a obra de Simone é importante “porque nos revela um modo de viver e de pensar de uma certa geração” (pág 186) e além disso, mostra como a filósofa construiu sua vida.

Sabemos que Simone de Beauvoir é uma das filosofas mais conhecidas entre as filosofas. Antes mesmo de dar início a essa pesquisa, não tinha conhecimento sobre mulheres no âmbito filosófico, mas, “conhecia”, ao menos por nome, a filósofa Simone de Beauvoir. Em uma outra passagem do livro de Maria Luiza, a autora expõe como a imagem de Simone foi não intencionalmente entrelaçada à imagem do filósofo Sartre. Como se a filósofa não tivesse seus pensamentos e suas próprias ideias.

Em um capítulo intitulado “A originalidade de uma filosofia” a autora mostra um dos pontos importantes na filosofia de Simone, que é o conceito de “liberdade”.

Para a filósofa a maior parte das pessoas foge à liberdade, nega a liberdade pois trava a espontaneidade original bem como o desejo de se transcender, de ultrapassar o dado. Ser livre é assumir a liberdade através de projectos que a cada momento são escolhidos. Não devemos ser determinados por ideias que nos sejam exteriores. (FERREIRA, 2009, Pág. 189)

Na passagem acima, seja intencional ou não com o tema que Maria Luiza se propôs a escrever neste livro, é inevitável não pensar em como todos nós somos influenciados o tempo todo por ideias exteriores a nós e como o outrem pode impor ao outrem ideias e ideais. Digo isso, pois, muitas das mulheres intelectuais, sejam filosofas ou não, sejam intelectuais ou não, são quase que o tempo todo lembradas de que algo exterior a elas mesmas a fizeram ser. Como se não fossem por elas mesmas.

Desse modo, como é possível fugir das ideias exteriores a nós? Maria Luiza expõe que para Simone de Beauvoir algumas questões podem nos inibir, ou seja, querendo ou não, estamos ligados a outrem. 190

“Simone de Beauvoir reconhece que certas situações são obstáculos determinantes e que, como tal, são inibidores da acção. O caso das mulheres é paradigmático pois a situação delas aparece identificada com a ordem natural das coisas. É contra isso que ela se insurge, contrariando a ideia de que a natureza comanda a vida.”
PAGINA 190 - MAIRIA LUIZA RIBERIRO.

Podemos também pensar em algumas das definições que grandes nomes da filosofia definem a natureza das mulheres, em que, definem a mulher como inferiores aos homens ou as classificam como sombras.

Em uma passagem do livro, Maria Luiza Ribeiro diz: “Os nossos projectos intersectam-se com os projectos dos outros. Somos seres no mundo e temos de construir um projecto próprio, sem esquecer a parte dos outros”.

De fato, somos seres do mundo e estamos conectados, mas, não parece “incrível” a forma como muitos ainda acreditam que as mulheres são dependentes dos homens? Ainda hoje, no século XXI. Por exemplo, como foi citado anteriormente nessa pesquisa, o fato de mulheres filósofas serem lembradas por relações que tiveram com outros filósofos, como se essa relação fosse determinante em seus pensamentos, como se as mesmas não tivessem suas próprias ideias, pode se dizer, que esse é um dos motivos de mulheres filósofas não serem conhecidas.

Sobre o segundo sexo, livro de Simone de Beauvoir, é incrível, para não usar outra expressão, como naquela época, as pessoas foram contra as suas ideias. É claro que filósofos e pesquisadores no geral são alvos de críticas e são até mesmo refutados, mas, talvez, muitos dos pesquisadores e filósofos de grande nome, tenham influenciado negativamente no que diz respeito a mulheres inseridas no mundo intelectual. Uma vez que, não acreditam no potencial das mesmas.

Maria Luiza Ribeiro Ferreira expõe que Simone de Beauvoir, além de questionar o conceito de natureza humana, conceito discutido desde o início na filosofia, a filósofa nega que exista uma natureza humana e também nega que haja uma natureza feminina.

[...] *O segundo sexo*, torna-se uma bandeira do feminismo da igualdade. As mulheres não nascem femininas, a feminilidade é algo que dolorosamente aprendem; os seus atributos não são naturais. (FERREIRA, 2009, Pag. 193)

Entende-se que uma natureza feminina seria de alguma forma definida pela mesma sociedade que excluem e que impõem tarefas às mulheres, como se fossem limitadas a aquela única e determinada função, como se não tivessem a capacidade de crescer. É claro que a teoria de Simone também foi colocada em discussão.

Segue fala de Claudia Pons Cardoso em sua pesquisa intitulada “*Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras*”. Onde a mesma expõe a ideia da Filósofa e Antropóloga brasileira Lélia Gonzales, que se opõe à ideia de Beauvoir.

Lélia Gonzalez não aceita a mulher universal de Beauvoir e conclui que se “não se nasce mulher, mas se torna”, também é verdade que o processo de construção social e cultural não será o mesmo para todas as mulheres, pois, outros fatores, como o racismo, redefinem as trajetórias dos sujeitos em questão, como discutido anteriormente. Além disto, nem todas as mulheres aceitaram “o lugar de

imanência”, “penhoraram sua liberdade”, em muitas sociedades não europeias, dentre elas indígenas e africanas.” (CARDOSO, 2012. Pág 122 – 123)

Importante entender que as críticas feitas são de extrema importância, afinal, se estamos em busca de respeito, visibilidade, temos também de ter responsabilidade e entender que as vivências são distintas, nem todas as mulheres se sentiram representadas pela grande filósofa Simone de Beauvoir e isso não faz da mesma menos importante para o processo de discussão sobre as mulheres e suas problemáticas, mas, pode ser também ponto de partida para entender que, é necessário a inclusão de demais debates, se realmente almejamos uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa. Bell hooks. Disponível em:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA. A história da filosofia e as obras escritas por mulheres: uma nota metodológica.

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: A ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As mulheres na filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009.